



## 2. História da investigação arqueológica

A Zona do Pinhal, pelas suas características, não tem atraído a atenção dos investigadores. Nem presentes nem passados. Embora não seja uma zona desprovida de interesse, o que é certo é que a sua Arqueologia, ou as peças e objectos aí achados não foram convenientemente divulgados. A isso se prende uma grande quantidade de factores que não podemos examinar exaustivamente. No entanto, o factor cultural pode ter tido uma influência directa e, consequentemente, a fraca divulgação em revistas e congressos da especialidade.

A primeira notícia sobre a existência de muralhas a fortificar cabeços, e lendas, sem qualquer carácter de investigação, vamos encontrá-la em Miguel Leitão de Andrada, nobre natural de Pedrógão Grande, onde viveu no século XVII. Fez referência ao cabeço de Nossa Senhora dos Milagres (Pedrógão Grande) “(...) cercado ou coroado de huma muralha de pedra solta, como que fosse alguma obra real ou propugnaculo d’algum golpe de gente de guerra (...)” (Andrada, 1629, p. 8 e 83), onde se veio a verificar a existência de um povoado fortificado com ocupação do Bronze Final, I e II Idades do Ferro e Romano. Refere ainda a existência de duas inscrições romanas: uma no Penedo do Granada, no século XVII já muito apagada (Andrada, 1629, p. 17), de que não se encontrou vestígios e uma outra aparecida em 1620 (não especifica o lugar), mas diz que estava erecta sobre uma campa, dando dela a seguinte leitura (VI. C. A. S. P. R. A. LIDIA. SCRIPTVM. MANV. VALGIRII. IUSCI.) (Andrada, 1629, p. 19) e da qual também não há também vestígios. Pedrógão Grande tem ocupação romana, como mais à frente veremos, não sendo de estranhar estas notícias. Deve-se também a Miguel Leitão de Andrada a primeira referência ao Castelo da Sertã, na forma de uma lenda muito adulterada por ele, onde lutam lusitanos e romanos (Andrada, 1629, p. 445-448); como revelaram as escavações arqueológicas, não existem vestígios nem duns nem dos outros, no Castelo da Sertã.

As *Memórias Paroquiais de 1758* dão-nos algumas notícias sobre a arqueologia da região. O pároco de Pedrógão Pequeno informa que existe uma inscrição romana na parede de uma casa do Roqueiro e que o monte de Nossa Senhora da Confiança se achava cercado de uma muralha e se conhecia ainda a porta de entrada (Azevedo, 1901, p. 105), mas a informação só é divulgada no início do século XX. Também sobre o castro de São Miguel da Amêndoa nos informam as *Memórias*: os párocos de Amêndoa e Vila de Rei referem a existência de muralhas e de casas antigas. O pároco de Cardigos refere uma inscrição romana proveniente do Chão do Pião.

O Padre António Carvalho da Costa faz referência a São Pedro do Castro, mencionando uma inscrição e sepulturas (Costa, 1869, p. 151). Pinho Leal refere São Pedro do Castro, seguindo o Padre António Carvalho da Costa, a muralha do castro de Nossa Senhora dos Milagres, em 1875 (Leal, 1875, p. 539), moedas romanas e minas várias em Vila de Rei (Leal, 1886, p. 1048).

Também Pedro de Azevedo se referiu a São Pedro do Castro, citando a *Gazeta de Lisboa Occidental*, de 1726 (Azevedo, 1900, p. 85-86), dando já uma primeira leitura da inscrição da frontaria da capela.

Nos finais do século XIX, início do XX, a acção investigadora de Leite de Vasconcelos contribuiu de forma notória para a divulgação da arqueologia da Zona do Pinhal, quer através da publicação de materiais, recolha dos mesmos para o Museu, ou através de escavações

arqueológicas; embora periféricos, os castros de Dornes e São Pedro do Castro são fundamentais para se entender a Idade do Ferro e a Romanização desta zona. Em 1895, para além das escavações que efectuou no Castro de Dornes, recolheu diversos materiais romanos das redondezas (Vasconcelos, 1897, p. 123, 1896, p. 143, 1900, p. 12-13, 1903, p. 161, 1917, p. 143-153). Em 1901 corrigiu a leitura da inscrição do Roqueiro (Vasconcelos, 1901, p. 134) e publicou-a na sua obra *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1905, p. 277, 1913, p. 202). Refere a inscrição romana do Chão do Pião e Cardigos.

António Baião, natural do concelho de Ferreira do Zêzere, numa monografia sobre o concelho, fez alusões escapatórias ao castro de Dornes e a duas inscrições romanas de São Pedro do Castro, publicando a sua leitura (Baião, 1908, p. 253 e 260). Só voltaria a referir-se às inscrições em 1923, replicando a Paulo Machado que publicara as inscrições no jornal da terra, com uma leitura incorrecta. Também o Padre Manuel de Andrade rectificou a leitura apresentada por Paulo Machado (3-2-1923 e 10-2-1923) (Andrade, 17-2-1923) (Baião, 3-3-1923).

As duas inscrições e aos castros de Dornes e São Pedro do Castro faz Francisco Câncio uma breve alusão (1939, p. 27-28).

Embora pouco credível, por as informações serem pouco fiáveis e exageradas, João de Almeida refere alguns cabeços onde se situam castros, havendo bastantes exemplos de locais onde afirma haver vestígios mas onde a prospecção de campo nada revelou. Ainda assim, fez referência aos sítios arqueológicos de Dornes, Castro da Amêndoa, Castro de São Miguel da Amêndoa e Castro do Caratão (Mação), omitindo, por exemplo, São Pedro do Castro (Almeida, 1946, p. 286-287 e 295-297).

Estes são os povoados mais ocidentais. Para o centro da zona e área oriental, a informação é mais escassa.

No início do século, a profícua acção de Francisco Tavares Proença Júnior no distrito de Castelo Branco levaria à criação do museu com o seu nome. Embora poucos dados tenha obtido na Zona do Pinhal, estes revestem-se de grande importância (Júnior, 1910). Quatro antas muito destruídas à saída da Sertã, uma moeda e telhas romanas na vila, o castro de Castelo Velho (perto da localidade), onde nada encontramos que corroborasse essa afirmação; provavelmente houve confusão com outro Castelo Velho que existe no distrito de Castelo Branco e onde existem vestígios arqueológicos. Detectou ainda vestígios romanos em Proença-a-Nova, Sobreira Formosa e Catraia, Oleiros e um castro na Lisga que se viria a revelar como sendo uma exploração mineira romana.

As monografias locais forneceram também pistas para a localização e caracterização de algumas estações arqueológicas. A da Sertã (Farinha, 1930, p. 138-139, 141, 143) revela dados já conhecidos e outros inéditos. Refere a muralha de Nossa Senhora da Confiança, publica um documento do século XV que nos fala da Ponte do Cabril (romana), Castelo da Sertã e Nossa Senhora das Águas Feras (onde se viria a descobrir uma trintena de estelas Templárias e da Ordem de Cristo).

Em 1994, foram coligidos numa obra, vários textos dos anos 40 e 50 sobre Vila de Rei: alguns apresentam dados arqueológicos interessantes. Mário Francisco Alves chama a atenção para as minas de Vila de Rei (de filão e de surribamento) (Alves, 1953-1954, p. 25-26, 35-39, III-III4, 123-124), apresenta a primeira planta conhecida das muralhas de São Pedro do Castro e refere o aparecimento de sepulturas quando plantaram o olival, de duas talhas com terra anegrada e cobertas com lajes na Foz do Codes (zona de uma conheira) e a Estrada Real de Castelo Branco a Tomar. Refere ainda sumariamente os castros de São Miguel da Amêndoa e o Castro da Amêndoa.

Outra monografia do concelho de Vila de Rei, da autoria do Dr. José Maria Félix, apresenta mais alguns dados: fala abundantemente do castro de São Miguel a propósito da disputa entre

Vila de Rei e Mação pela posse do mesmo (Félix, 1968, p. 23-29, 32, 36, 56, 109, 118-124, 132-138, 155, 669, 679-691, 694, 696), da Ponte dos Três Concelhos e Estrada Romana, Estrada Real ou Mourisca e da Barragem do Souto (Félix, 1968, p. 47-49, 56-59, 76-82, 115, 103, 112, 120-122, 152-153, 692-695), e de algumas conheiras e minas de filão (Félix, 1968, p. 44-46 e 50).

A publicação de documentos medievais contendo os limites dos vários termos ou propriedades dos Templários, Ordem de Cristo e de Malta, trouxeram à luz do dia muitos dados referentes à passagem de vias supostamente romanas e pontes antigas. Já foi referida a Ponte do Cabril, que aparece em documentos do século XV; a Ponte dos Três Concelhos, de que falam vários autores locais, aparece já referida em documentos dos séculos XII e XIII (Baião, 1908, p. 261; Azevedo, 1979, p. 112-113; Saa, 1967, p. 158), bem como diversas estradas.

Seria, aliás, baseado em parte nestes documentos e em parte na observação directa dos vestígios que Mário Sá traçaria a rede de estradas romanas da Zona do Pinhal. Algumas identificou-as correctamente, noutras houve mais dificuldade mas os seus vestígios existem como veremos mais tarde. Assim, refere-se à Estrada Romana ou dos Mouros que atravessava a Zona do Pinhal, no sentido norte-sul e à Estrada Mourisca ou Estrada Real ou da Idanha, que atravessa o território em sentido este-oeste e ainda a uma outra que atravessa o território a meio, no sentido oeste-este, chamada a Estrada de Caneve, de Coimbra às Portas de Ródão (Saa, 1967, p. 124, 126, 129-131, 158, 160, 162-164, 1959, p. 285-286, 1960, p. 220-242, 251-256). Refere também a via da Covilhã, mas não refere o divertículo que une a Estrada Romana à via da Covilhã. Para sul refere a via *Seilium*, Codes, Mouriscas, Alvega, Crato, etc., a variante para Abrantes e a Estrada da Idanha (Saa, 1956, p. 206, 1959, p. 109-111, 113-115). Refere ainda duas inscrições que nenhum dos outros autores anteriores referiu: a inscrição da Castanheira Cimeira (Sertã) e a do Labrunhal Fundeiro (Proença-a-Nova) (Saa, 1960, p. 229-230). Sobre a primeira, viriam José d'Encarnação e Manuel Leitão a debruçar-se, verificando tratar-se de uma interpretação forjada (Encarnação et al., 1982a, p. 132-133). Não confrontaram, porém, o original que se encontrava num pequeno museu na Sertã, como indicava Mário Sá. A leitura do original viria a ser efectuada por mim anos mais tarde (Batata, 1998, p. 38-39).

A área sul do território em estudo é parca em informações arqueológicas (Sardoal, Abrantes e Constância). A grande excepção é o concelho de Mação, que desde cedo desenvolve actividades nesse sentido, talvez por ser um concelho rico em vestígios e achados. A publicação da *Monografia de Cardigos* em 1939, da autoria do Padre Henrique da Silva Louro, revela uma arqueologia rica em dólmenes e estações romanas. O Padre Henrique Louro refere-se ao castro de São Miguel da Amêndoa como “castro celta romanizado” e à inscrição do Chão do Pião.

A acção do Dr. João Calado Rodrigues foi decisiva, culminando na criação do museu que tem o seu nome em Mação. Descobre o castro de São Miguel em 1943 e começa as escavações em 1944 (Pereira, 1970a, p. 237). O castro foi classificado como Monumento Nacional pelo Decreto 37 801 de 2 de Maio de 1950. Eugénio Jalhay e Afonso do Paço tiveram oportunidade de o conhecer. Em 1967, Maria Amélia Horta Pereira visitou o local e lamentou o estado deplorável em que se encontrava. Em 1943, 1950, 1951 e 1952, o mesmo investigador efectua escavações no Vale do Junco (estação romana), descobrindo o balneário, a necrópole e cerca de 20 divisões de casas.

A acção de Eugénio Jalhay não se limitou a visitas e conselhos. Desenvolveu alguma acção na publicação de achados e epígrafes. Assim, em 1944 publica o “esconderijo” de fundidor do Bronze Final do Porto do Concelho e em 1949 algumas epígrafes: uma da Senhora da Moita, Mação (a outra foi publicada por Maria Amélia Horta Pereira em 1970) e duas do Vilar da Mó (Belver, Gavião). Refere ainda a do Chão do Pião.

A obra *Monumentos Históricas do Concelho de Mação*, da autoria da Dra. Maria Amélia Horta Pereira, de 1970, marca a viragem na arqueologia da zona, ao consagrar, pela primeira

vez, uma monografia inteiramente dedicada à Arqueologia. A classificação, medição, desenho e ilustração dos materiais é excelente e mesmo pioneira, no contexto da Arqueologia Nacional, sendo ainda hoje a única obra de referência para a arqueologia do concelho. Porém, no que toca à interpretação dos dados e à sua inserção nos contextos cronológicos, é preciso ter algum cuidado, pois a autora coloca materiais em épocas a que não pertencem, ignorando mesmo as considerações de um ilustre arqueólogo como Jalhay. Assim, no capítulo I (Paleolítico), a autora coloca no Paleolítico Superior (Languedocense) 10 pesos de rede achados no Castelo Velho do Caratão; ora este povoado é marcadamente um povoado do Bronze Final (Pereira, 1970a, p. 44-50). Outra questão que não cabe no âmbito deste trabalho prende-se com o facto de a autora achar que há uma lacuna meso-neolítica no concelho, admitindo porém que o Dr. Calado Rodrigues recolheu cerâmicas neolíticas; apresenta ainda algumas más características dos períodos neo-calcolítico. Outras más, pequenas e planas, que costumam aparecer nos povoados a partir do Bronze Final, considera-as neolíticas? Os povoados, que na maior parte são do Bronze Final e da Idade do Ferro, coloca-os ela no Calcolítico; destes, só o Castelo Velho do Caratão mostra evidência de ter tido ocupação durante o Calcolítico, pelo menos a avaliar pelas peças que ela ilustra; as peças de bronze deste povoado, remete-as para o Calcolítico? Opinião contrária têm Eugénio Jalhay e Calado Rodrigues, que não tiveram dúvidas em situar o povoado no final da Idade do Bronze, entre 1000 e 700 a.C. Isto em 1946, data da sua descoberta e escavação sob a direcção de Jalhay (Pereira, 1970a, p. 102).

No que diz respeito à Idade do Bronze, conclui que não encontrou nenhum povoado nem cerâmica característica deste período, mas tão só alguns peças de bronze (Pereira, 1970, p. 165), o que está manifestamente errado. Mesmo estas, considera-as de cobre e um prolongamento do Calcolítico Final que teria assim passado à Idade do Ferro, sem existência do período do Bronze.

Relativamente à Idade do Ferro, apenas aponta dois povoados: um já nosso conhecido, que é o castro de São Miguel da Amêndoa, e o Castelo Velho do Caratão. No que se refere ao capítulo das vias e pontes, só sobre estas últimas se debruça; muitas das que publica não parecem ser romanas e só uma pesquisa mais apurada em volta dos documentos poderá elucidar esta questão. Apesar de muitas estarem classificadas, foram por mim rejeitadas para inclusão no Catálogo, depois de avaliadas no terreno.

Em 1978, numa urbanização que se estava construindo em Pedrógão Grande, apareceu um forno romano, estudado e publicado mais tarde por António Quinteira (1993, p. 53-56).

A partir dos anos 80, como é conhecido, a Arqueologia Portuguesa conheceu um *boom*, desenvolvendo-se em várias vertentes. Também a Zona do Pinhal sofreu essa acção benéfica. A primeira notícia que temos é da realização de prospecções sistemáticas pelo Núcleo de Investigação Arqueológica, de Vila Velha do Ródão, localizando um castro em Peral (Proença-a-Nova) e uma sepultura, em 1980 (Henriques et al., 1980, n.ºs 225 e 230; Caninas et al., 1983, p. 10).

Em 1981, Amélia Vidigal Costa, então aluna da Faculdade de Letras de Coimbra, efectua o levantamento arqueológico do concelho da Sertã, referindo a inscrição do Roqueiro e o aparecimento de tambores de coluna e um capitel na Sertã, porém, sem concluir pela sua romanidade (Costa, 1981).

Em 1983, Rogério Carvalho efectuava escavações na estação arqueológica do Ribeiro da Nata, Belver, Gavião (Carvalho, 1985, 1986, p. 55-57). Ainda em 1983, a primeira obra importante sobre a arqueologia portuguesa (*Portugal Romano*, terceira edição) divulga algumas actividades económicas da Zona do Pinhal, como as minas de Milreu (Vila de Rei) (Alarcão, 1983, p. 134). Maria Amélia Horta Pereira efectuava uma campanha de limpeza e desenho de nova planta do castro de São Miguel da Amêndoa (Pereira et al., 1985, p. 113-116).

Em 1984, sai a revisão da epigrafia da freguesia de Belver (Encarnação et al., 1984).

Em 1985, Rui Nobre, aluno em Coimbra, realiza um trabalho de arqueologia sobre Ferreira do Zêzere, dedicando algumas páginas a São Pedro do Castro (Nobre, 1985, p. 271-275).

Em 1986, novas prospecções de terreno trazem à luz, essencialmente, várias concheiras das ribeiras do concelho de Proença-a-Nova (Henriques et al., 1986, p. 67-69) e a limpeza do balneário e sondagens na estação de Vale do Junco (Ortiga) (Carvalho, 1987a, p. 73-75, 1987b, p. 64-65).

Em 1987, sai o resultado da prospecção de campo da freguesia de Belver, concelho do Gavião, efectuada em 1985 (Cardoso et al., 1987, p. 83-99). Jorge de Alarcão faz uma breve referência aos recentes achados do Vale do Junco e considerações genéricas sobre a zona entre Zêzere e Ocreza (Alarcão, 1987, p. 58). António Marques de Faria dá-nos a conhecer os tesouros de moedas romanas do Sardeal, Gago (Amieira do Tejo) e o de Talhadas (Abrantes) (Faria, 1987, p. 60-61). Carlos Ferreira dá-nos elementos sobre a necrópole visigótica de Rio de Moinhos (Ferreira, 1987, p. 66-68).

O *Domínio Romano em Portugal*, publicado em 1988, por Jorge de Alarcão, aponta a área como semi-desértica, pouco romanizada; à preferência de Russell Cortez que coloca os *Tapori* na Serra da Gardunha, Alarcão situa-os na vertente oriental da Serra da Estrela e refere a possibilidade da existência de uma *civitas* entre o Zêzere, o Tejo e o Ocreza; localiza *Aritium Vetus* na área de Alvega, devido ao juramento dos ariciensenses (placa de bronze encontrada aí perto); as vias que atravessam a zona em estudo são apresentadas de forma bastante simplista e esquemática; referencia a existência de minas na zona de Vila de Rei (Alarcão, 1988b, p. 37, 48, 50-51, 99, 104, 129).

O *Roman Portugal* apresenta já algumas características de várias estações arqueológicas da zona: forno (Pedrógão Grande), Roqueiro, Sertã e Ponte da Isna (Sertã), Sendinho da Senhora (Oleiros), Sobreira Formosa, Labrunhal Fundeiro e Castelo do Chão do Trigo (Proença-a-Nova), Dornes e São Pedro do Castro (Ferreira do Zêzere), Chaveira, Cabeço da Porca, Chão do Pião, Coutada, A Moradeira, Freixoeiro, Alicerces, Senhora da Moita, Monte Calvo, Ponte da Ladeira de Envendos, Vale da Mua, Casal, Tapada, Vilar da Lapa, Vale do Grou, Mação, Ponte da Ribeira das Eiras ou de Palhafome, São Bartolomeu, Ponte do Coadouro, São Marcos do Rosmaninhal e Vale do Junco (Mação), São Tiago, Valhascos e São Simão (Sardeal), Casal de Pedro Ferreira (Constância), Quinta da Pedreira, Abrantes, Pego, Mouriscas, Aldeias, Surdo e Casal de Vale Covo (Abrantes), Quinta do Ribeiro da Nata e Outeiro Cimeiro (Gavião) (Alarcão, 1988a, p. 73, 76, 102, 104, 113-114 e 145-146).

Em 1989, Maria Amélia Casanova e Manuela Canas dão a conhecer uma inscrição romana de Dornes.

Em 1990, Vasco Mantas faz uma abordagem das vias romanas escalabitanas, indicando alguns traçados possíveis na Zona do Pinhal (Mantas, 1990, p. 229).

No âmbito da licenciatura em História (variante de Arqueologia) (1988-1992), o autor realizou vários trabalhos sobre a zona, aprofundando dados já conhecidos e revelando outros inéditos. Assim, realizou um trabalho de localização e caracterização de estações arqueológicas onde se inclui Dornes e São Pedro do Castro (Batata, 1990a, p. 143-147 e 150-160). Em 1991, um trabalho sobre vias romanas onde se refere a via oriental do Rego da Murta ao Porto de Caíns (Codes) (Batata et al., 1991). Em 1992, um trabalho exaustivo sobre São Pedro do Castro.

No campo das publicações, foram dadas à estampa diversos artigos e obras. Em 1990, a publicação de duas inscrições inéditas de São Pedro do Castro e um artigo sobre o mesmo (Batata, 1990a, 1990b, 1991); um trabalho sobre os limites das paróquias de Idanha e *Selio*, não publicado (1993), um catálogo de estações da área (Batata et al., 1993), uma comunicação conjunta em congresso (Batata et al., 1993) e a inscrição romana de Dornes (Batata et al.,

1993), alguns artigos em jornais (Batata et al., 1993a, 1993b); o levantamento arqueológico dos concelhos de Pampilhosa da Serra (Batata et al., 1994), Tomar (Batata, 1997), Sertã (1998) e Vila de Rei (Batata et al., 2000).

O ano de 1994 marcou uma viragem significativa na investigação da área ocidental da Zona do Pinhal, com o aparecimento de estações arqueológicas inéditas e a realização de escavações arqueológicas em algumas delas. Em 1994 foram identificados como castros os locais de Santa Maria Madalena (Sertã) e Cerro do Castelo (Vila de Rei) e foi sumariada a arqueologia da zona de Pedrógão Pequeno-Pedrógão Grande (Batata et al., 1995); em 1995 e 1996, realizaram-se escavações no castro do Cerro do Castelo, apurando-se tratar-se de um povoado do Bronze Final/I Idade do Ferro (Batata et al., 1995a, 1997); em 1997, realizaram-se sondagens de emergência no castro de Santa Maria Madalena, que revelou ocupações do Bronze Final/I Idade do Ferro, II Idade do Ferro e Romano (Batata, 1997a, 1998, p. 26-35), sondagens na parte nova da Vila da Sertã, que revelaram vestígios romanos (Batata, 1998, p. 42-47), escavações no Castelo da Sertã (1995-96), que afastaram a hipótese de ali haver Idade do Ferro, talvez Romano, e de certeza ocupação Omíada (Batata, 1997b, 1997c, 1998, p. 58-81). Em 1998 e 1999 efectuaram-se escavações no castro de Nossa Senhora da Confiança, que revelou uma muralha com 7 m de largura, datável do Bronze Final; não parecendo ter conhecido outras ocupações, a não ser, talvez, um templete romano, mas disso falaremos em capítulo próprio. Em 2000, em conjunto com Costa Santos, iniciou-se a escavação do castro de Nossa Senhora dos Milagres, que revelou já duas fases de ocupação do Bronze Final, ambas com estruturas defensivas, uma da I Idade do Ferro com contas fenícias, algumas cerâmicas da II Idade do Ferro e um fragmento de *sigillata* itálica (?).

Paralelamente, outras áreas de investigação foram tomando proporções que não são de desprezar; uma delas, a da arte rupestre, apresenta diversos locais gravados como sejam a Lajeira, a Fechadura, a Fonte das Rimas (Sertã) e Cimadas (Proença-a-Nova) (Batata et al., 1998), que comentaremos em local próprio. Também no campo da economia antiga, se tornou bastante evidente a existência de numerosas pequenas explorações aluvionares e de filão.

A nível da divulgação da arqueologia desta zona foram ainda escritos alguns artigos para revistas nacionais (Batata, 1997d, p. 163-167) e apresentadas comunicações em congressos internacionais (Batata et al., 1999, p. 25-35).

Em 1998, foi publicada a sexta inscrição romana de São Pedro do Castro (Nobre et al., FE 58) e em 1999 foi publicada uma releitura da inscrição da fachada exterior norte da capela de S. Pedro do Castro, como podendo tratar-se de um *miles* (Gimeno et al., 1999, p. 105-111).

Na área sul, o ritmo das intervenções foi marcado essencialmente por escavações de emergência, devido à construção do IP 6. A excepção são as escavações do Dr. Paulo Félix, no casal (?) agrícola do Bronze Final da Pedreira, onde efectuou escavações em 1994, 1996 e 1999 (Félix, 2000, p. 62-63), e a Cabeça das Mós (Sardoal), em 1999, povoado com ocupação do Bronze Final, Idade do Ferro e Romano. Para os períodos que nos interessam, a primeira intervenção aconteceu na estação da Pedreira: os primeiros trabalhos datam de 1983 (escavação da necrópole), mas foram mais intensos nos anos de 1993 a 1995, devido à construção do IP 6 (Ramalho, 1998, p. 110-123); as escavações realizadas por Paulo Félix aconteceram já depois da estrada construída. Em 1994, escavavam-se estruturas muito destruídas pelas máquinas na Quinta da Légua, 2 km antes da Quinta da Pedreira; tratava-se de estruturas romanas tardias e visigóticas (Batata et al., 1995c; Cruz et al., 1998, p. 216-220). Em 1995 e 1996, acontecem as escavações de emergência das Mouriscas (Abrantes) (Gomes et al., 1988, p. 150-167).